

Colecção DICIONÁRIOS

# DICIONÁRIO DA CRÍTICA FEMINISTA

*Organização de*

Ana Gabriela MACEDO  
Ana Luísa AMARAL

TÍTULO: Dicionário da Crítica Feminista

AUTOR: Ana Gabriela Macedo e Ana Luísa Amaral (Orgs.)

EDIÇÃO: 2005, Edições Afrontamento e autoras

ENDEREÇO: Edições Afrontamento/ Rua Costa Cabral, 859/ 4200-225 Porto/ [www.edicoesafrontamento.pt](http://www.edicoesafrontamento.pt)

COLECÇÃO: Dicionários/ 1

N.º DE EDIÇÃO: 957

ISBN: 972-36-0758-1

DEPÓSITO LEGAL: 225802/ 05

IMPRIMEIRO: Rainho & Neves Lda./ Santa Maria da Feira

ANO DE 2005

 Edições  
Afrontamento

# G

## GÉNERO

Em português, utilizado inicialmente no âmbito da periodização literária (referindo-se aos géneros poético, dramático, narrativo) e no âmbito gramatical (significando a distinção masculino/ feminino), o termo «género» tem vindo a incorporar significados mais explicitamente relacionados com as dimensões política, sexual e cultural. Este processo de evolução de sentido foi fortemente influenciado pelo panorama anglo-americano, em que, graças ao trabalho efectuado pela teoria e crítica feministas, a palavra «gender» (inicialmente significando só a distinção gramatical – note-se que, para a periodização literária, a língua inglesa tem o termo «genre»), passaria a definir-se em relação a sexo e a significar a construção social ou cultural daquele. Assim, e por influência do inglês, no panorama português cada vez mais se vê aplicada a palavra «género» com o sentido de categoria sexual socialmente construída.

Os estudos tradicionais das diferenças entre sexos haviam tentado provar que as características que normalmente se atribuem aos dois sexos derivam de diferenças biológicas. O trabalho pioneiro da antropóloga Margaret Mead (1935), baseado na teoria de que o sexo é biológico mas que o comportamento sexual é uma construção social, proporia implicitamente a diferença entre «sexo» e «género».

Catorze anos após a publicação do trabalho de Mead, Simone de Beauvoir chamaria a atenção para o facto de, na ordem simbólica, a diferença sexual não ser accidental. «Ninguém nasce mulher: torna-se mulher» escrevia Beauvoir, numa formulação que se tornaria famosa nos estudos feministas (Beauvoir, 1971: 285) [ver *Segundo Sexo, O*]. Ao reformular a tradicional identificação de «sexo» com «homem» ou «mulher», Beauvoir abriria o caminho para o estabelecimento, nas feministas sobretudo anglo-americanas, da categoria «género». Definida sempre em relação a «sexo» (já que «género» é a construção

social ou cultural daquele), «género» é uma categoria que, segundo Elizabeth Weed, permanece problemática, justamente pelo facto de ser, entre todas as diferenças (como raça, classe ou religião), aquela que mais teima ainda em radicar na biologia. É isso que faz dela um pólo sempre resistente e deslocado (Weed, 1969: xxi.).

Dentro da crítica feminista, são diversas as acepções de «género». Joan Scott resume-as do seguinte modo: (1) «uma categoria de análise» desenvolvida de forma a incluir; (2) «o leque existente nos papéis sexuais e no simbolismo sexual»; (3) «as distinções fundamentalmente sociais baseadas no sexo» (Scott, 1986: 1054).

Com as novas tendências da teoria e crítica feministas, informadas pelo pós-estruturalismo e pelo pós-modernismo, questiona-se o estatuto estanque da categoria «mulher», defendendo-se que ele se entrecruza com outras componentes, assim se pulverizando internamente: «[A] categoria 'mulheres' é fragmentada internamente pela classe, pela cor, pela idade, pela etnicidade, para só referir alguns factores» (Butler, 1990a: 327).

Assim, sendo «uma superfície politicamente neutra na qual a cultura actua, 'género' não deve ser concebido somente como a inscrição cultural do sentido num sexo pré-determinado, mas designar também o aparelho de produção onde os sexos propriamente dito são estabelecidos» (Butler, 1990b: 7). Assim, «género» «não está para cultura como sexo está para natureza, mas significa também os meios discursivos e culturais através dos quais a 'natureza sexuada' ou o 'sexo natural' são produzidos e estabelecidos como pré-discursivos, anteriores à cultura mesma» (*ibidem*).

Levada a extremos, porém, uma pulverização tal corre o perigo de desconstruir não só a noção de «género», mas também as noções de raça, classe ou coerência histórica de que são feitas ainda as realidades actuais, provocando uma atitude de reacção

que preconiza um retorno à antiga noção de que, afinal, o que interessa é o ser humano, abstractamente considerado. É contra este cepticismo que Susan Bordo alerta: «Numa cultura que é de facto construída pela dualidade sexual, não se pode ser simplesmente 'humano'. Isso é tão impossível quanto é impossível ser-se simplesmente 'gente' numa cultura racista. (...) A nossa linguagem, história intelectual e formas sociais são sexuadas. Não podemos fugir a este facto nem às consequências que ele tem nas nossas vidas. Algumas destas consequências podem não ser intencionais, podem até ser ferozmente combatidas; o nosso maior desejo pode ser 'transcender as dualidades da diferença sexual'; não ter o nosso comportamento categorizado em termos de 'masculino' e 'feminino'. Porém, quer nos agrade ou não, na cultura presente as nossas actividades são codificadas como 'masculinas' ou 'femininas' e funcionarão como tal no sistema prevaiente das relações de poder entre os sexos» (Bordo, 1990: 152).

Alguns dos estudos feministas mais recentes (Braidotti, 1994; Cornell, 1995) estabelecem a distinção entre diferença sexual e género, dando, por vezes, preferência à primeira designação, quando pretendem falar dos conceitos de «alteridade» e «diferença» (Braidotti, 1994): o objectivo do feminismo não será negar a diferença, mas recuperar o feminino na diferença sexual, gerar um imaginário de mulher autónomo, para lá dos estereótipos existentes de mulher (Cornell, 1995) [Ver **Diferença Sexual; Alteridade**].

A consolidação dos estudos *gay* e lésbicos durante os anos 1990 irá assistir ao desenvolvimento da «teoria *queer*» que desafia as alegadamente estáveis relações entre os sexos sejam eles de ordem heterossexual ou homossexual e obriga a uma nova perspectiva da questão de género [ver **Teoria Queer**].

#### Bibliografia

- BEAUVOIR, SIMONE DE (1971), *Le deuxième sexe*, vols. I-II, Paris: Gallimard [1949].
- BUTLER, Judith (1990a), «Gender trouble, Feminist Theory and Psychoanalytic Discourse», in Nicholson, Linda J. (ed.), *Feminism/ Postmodernism*, Nova Iorque: Routledge, pp. 324-40.
- BUTLER, Judith (1990b), *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*, Nova Iorque e Londres: Routledge.
- BRAIDOTTI, Rosi (1994), *Nomadic Subjects*, Nova Iorque: Columbia University Press.
- BORDO, Susan, «Feminism, Postmodernism, and Gender-

- Scepticism», in Nicholson, Linda J. (ed.), *Feminism/ Postmodernism*, Nova Iorque: Routledge, pp. 133-156.
- CAMERON, Deborah (1985), *Feminism and Linguistic Theory*, Londres: Mcmillan.
- CORNELL, Drucilla (1990), «GAT is Ethical Feminism?», in Benhabib, Sheila; Butler, Judith; Cornell, Drucilla, Fraser, Nancy (eds.), *Feminist Contentions: A Philosophical Exchange*, Nova Iorque: Routledge, pp. 75-106.
- SCOTT, Joan (1986), «Gender: a useful category of historical analysis», in *American Historical Review*, vol. 91, n.º 5 (Dez.), 1053-75.
- WEED, Elizabeth (ed.) (1989), *Coming to Terms: Feminism, Theory, Politics*, Nova Iorque: Routledge.

## GINOCRÍTICA

Termo cunhado por Elaine Showalter em «Toward a Feminist Poetics» (1979; 1989a). Neste artigo, bem como em «Feminist Criticism in the Wilderness» (1981; 1989b), Showalter faz a distinção entre ginocrítica (*gynocriticism*) e crítica feminista (*feminist critique*). Refere a autora que esta última se «preocupa com a mulher enquanto leitora – a mulher enquanto consumidora de literatura produzida por homens e com a hipótese de uma leitora poder alterar a nossa apreensão de um texto, despertando-nos para a significação dos seus códigos sexuais» (Showalter, 1989a: 128) [ver **Crítica Feminista; Reescrita**]. A ginocrítica, por sua vez, tem por objecto «a mulher enquanto escritora», isto é, «a mulher enquanto produtora de significado textual» (*ibidem*). O objecto de estudo da «ginocrítica» é «a história, o estilo, os temas, os géneros e as estruturas da escrita produzida por mulheres; a psicodinâmica da criatividade feminina; a trajectória da carreira feminina, individual ou colectiva; e a evolução e as leis de uma tradição literária feminina» (Showalter, 1989b: 248). A ginocrítica, segundo Showalter, força-nos a uma viragem conceptual, na medida em que, ao considerarmos a existência de uma tradição literária feminina separada da tradição (masculina) existente, deixamos de contar com modelos masculinos preestabelecidos para nos centrarmos sobre a questão essencial da diferença [ver **Diferença**]. Livros como os de Patricia Meyer Spacks, *The Female Imagination* (1975), Ellen Moers, *Literary Women* (1976), da própria Showalter, *A Literature of their Own* (1977), Nina Baym, *Woman's Fiction* (1978), Sandra Gilbert e Susan Gubar, *The Madwoman in the*

Attic (1979), *Poetic Ideology*, que poder

Bibliografia  
BAYM, NINA  
by and  
Nova  
GILBERT, SANDRA  
in the  
Cent  
Unive  
HOMANS, ELLEN  
Ident  
Emil  
Press  
MOERS, ELLEN  
[197  
SHOWALTER, ELAINE  
[197  
Critic  
Lond  
SHOWALTER, ELAINE  
Wild  
New  
and  
SHOWALTER, ELAINE  
Brit  
Lon

GLOB